

## Joseph Ratzinger - Bento XVI contra a modernidade líquida: uma interlocução com o pensamento de Zigmunt Bauman

Joseph Ratzinger - Benedict XVI against liquid modernity: an interlocution with the thinking of Zigmunt Bauman

RUDY ALBINO DE ASSUNÇÃO\*

**Resumo:** Joseph Ratzinger - Bento XVI empreendeu, desde antes do seu pontificado, um combate contra a cultura líquida, fluida, caracterizada pelo relativismo. Tendo mencionado indiretamente o sociólogo Zigmunt Bauman em seu magistério, ele associou a este pensador o seu próprio diagnóstico da sociedade contemporânea. Por isso, neste artigo, percorremos diversos textos de Bento XVI, buscando apresentar as notas dominantes da atual configuração da modernidade, na tentativa de identificar pontos de contato entre as análises do papa alemão e do sociólogo polonês. Nesse sentido, identificamos uma crítica comum à fé no progresso, às lacunas deixadas pela fé na ciência e na técnica e, por fim, ao individualismo que Bento XVI identifica, particularmente, nas novas formas religiosas desinstitucionalizadas.

**Palavras-chave:** Bento XVI. Zigmunt Bauman. Ciência. Técnica. Individualismo.

**Abstract:** Joseph Ratzinger-Benedict XVI undertook, since before his pontificate, a struggle against the liquid, fluid culture, characterized by relativism. Once Benedict XVI indirectly stated the sociologist Zigmunt Bauman in his teaching, he associated this thinker with his own diagnosis of contemporary society. So in this article, several texts of Benedict XVI were covered, aiming to present as dominant notes of the current modernity configuration, in an attempt to identify points of contact between the German pope and the Polish sociologist analyses. In this sense we identified a common criticism as regards to faith in progress, the gaps left by faith in science and technology, and finally, to individualism, which Benedict XVI identifies, in particular, in the new deinstitutionalized religious forms.

---

\* Rudy Albino de Assunção é doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. É professor e Coordenador do Núcleo de Fé, Razão e Cultura no Centro Universitário Católica de Quixadá - UNICATÓLICA. E-mail: rudyalbino@unicatolicaquixada.edu.br

**Keywords:** Benedict XVI. Zigmunt Bauman. Science. Technique. Individualism.

Quando Bento XVI publicou a sua primeira encíclica, *Deus caritas est* (Deus é amor), um dos seus comentadores foi o sociólogo polonês Zigmunt Bauman (1925-2017). No jornal italiano *Avvenire*, no dia 2 de fevereiro de 2006, apareceu uma entrevista com ele realizada pelo jornalista italiano Pierangelo Giovanetti, intitulada *O amor não é líquido*<sup>1</sup>. Ali Bauman assim se expressou:

... penso que o Papa acertou ao fazer um chamado à sociedade de hoje – que evita os laços duradouros e exclusivos – à totalidade do amor. É uma chamada contracorrente, tão necessária na atual ditadura do consumismo, que penetra cada fissura de nossa existência, fagocitando inclusive aquilo que é maior: o amor (2006).

No entanto, a atenção é mútua: Bento XVI, em seus discursos, além de remeter-se a outros papas – o que representa a intenção papal de mostrar a continuidade da doutrina católica – frequentemente remete-se a teólogos de grande relevância para a Igreja, particularmente aqueles que fizeram parte diretamente de sua formação teológica. No dia 08 de maio de 2011, na sua visita pastoral à cidade italiana de Veneza, o papa alemão fez uma referência diferenciada: citou Bauman (in)diretamente. Aproveitando as palavras relacionadas à cidade – água, saúde e *Serenissima* – Bento XVI iniciou seu discurso atendo-se à primeira delas: “A água é um símbolo ambivalente...” (BENTO XVI, 2011), como um pretexto para oferecer uma breve, mas incisiva apreciação da sociedade contemporânea: Ele afirma:

O fato de ser Veneza “cidade de água” faz pensar num célebre sociólogo contemporâneo, que definiu “líquida” a nossa sociedade, e também a cultura europeia: uma cultura “líquida”, para expressar a sua “fluidez”, a sua pouca estabilidade ou talvez a sua ausência de estabilidade, a mutabilidade, a inconsistência que por vezes parece caracterizá-la. E aqui gostaria de inserir a primeira proposta: Veneza não como cidade “líquida” – no sentido acabado de mencionar – mas como cidade “da vida e da beleza”. Não há dúvida de que é uma escolha, mas na história é preciso escolher [...] Trata-se de escolher entre uma cidade “líquida”, pátria de uma cultura que parece ser cada vez mais a do relativismo e do efêmero, e uma cidade que renova constantemente a sua beleza bebendo das fontes benéficas da arte, do saber, das relações entre os homens e entre os povos (BENTO XVI, 2011, grifo nosso).

<sup>1</sup> Fazendo referência ao seu livro *Amor Líquido* (2004).

Vamos usar essas duas intervenções como pretexto para efetuar uma comparação, uma aproximação entre os diagnósticos acerca da sociedade contemporânea realizados por Bauman e por Bento XVI, buscando perceber em que medida elas coincidem. Tal empreitada contribuirá para tornar mais claro o discurso social de Bento XVI, as similaridades entre dois discursos, com intenções semelhantes, mas que são realizados a partir de contextos distintos.

## 1. As características dominantes da modernidade segundo Joseph Ratzinger/Bento XVI

Neste ponto, pretendemos apresentar um primeiro quadro – nada mais que um esboço desprezioso – da concepção ratzingeriana-benedictina da modernidade<sup>2</sup>. Claro que não apresentamos a sua descrição da *emergência* da época moderna, mas a sua avaliação da sociedade contemporânea, tratada por ele nos textos que serão utilizados como “época moderna”<sup>3</sup>.

Ratzinger logo se apresenta como um crítico de muitas das suas aparentes conquistas. É importante fazer uma divisão: Ratzinger está o tempo todo apresentando as notas características da modernidade, por um lado, e as suas crises, seus problemas, por outro. Por isso, sua narrativa da modernidade está atrelada a uma crítica simultânea, sem significar uma rejeição peremptória da modernidade como um todo. A sua aproximação da época moderna é *seletiva*.

### 1.1. A fé no progresso

Para Bento XVI, a diretriz fundamental da modernidade, seu *slogan*, é a ideia de *progresso* (cf. 1993, p. 13). Particularmente propagado pelas filosofias pós-hege-

---

<sup>2</sup> Nesse artigo não empreendemos o recorte entre o pensamento de Joseph Ratzinger enquanto teólogo e de Bento XVI, enquanto papa. Desse modo, aqui se tomam indiferenciadamente textos de sua teologia e de seu pontificado.

<sup>3</sup> O amplo debate sobre a modernidade versus pós-modernidade não é contemplado nos seus textos diretamente. Ratzinger, enquanto teólogo, vai tratar da crise de diversos pressupostos da modernidade, mas sem mostrar em que medida isso faz a nossa época moderna ou pós-moderna. Na verdade, ele apresenta uma reserva a uma classificação temerosa das mudanças de épocas, sobretudo quando se vive tais transições: “Fui sempre contra que se falasse do fim da época moderna, da época pós-moderna. Tudo isso são divisões precipitadas. Só se podem ver as rupturas dos períodos a partir de certa distância” (RATZINGER; SEEWALD, 1997, p. 221). Para uma visão completa de Ratzinger enquanto teólogo e como Papa sobre o tema, cf. ASSUNÇÃO, 2016.

lianas, tal progresso tem por base uma interpretação mecanicista – e materialista – da história, na qual a própria história obedeceria a um *telos*; portanto, haveria leis que regeriam seu funcionamento. Além de tudo, seria o progresso *inevitável*, caminhando rumo a uma sociedade perfeita. Tal confiança levou a uma forma de *fé* no progresso<sup>4</sup>, que tem seu corolário – ou mesmo sua origem – numa fé na ciência (e na técnica), que ele trata de *cientismo*. Na modernidade, são a ciência e a técnica que promoverão essa transformação do homem. No entanto, isso não se limita a um progresso material: “E há, finalmente, a variante tecnológica da fé no progresso: esta vê no aumento do poder da técnica propriamente dita um progresso do Homem” (RATZINGER, 1993, p. 62), ou seja, um progresso moral. Por outro lado, isso gerou uma exclusão da crença em Deus, relegada à esfera privada, da subjetividade, ou seja, a esfera dos sentimentos, oposta à esfera da racionalidade:

A mentalidade moderna convenceu-nos de que no âmbito da física e da técnica é possível obter conhecimentos objetivos e, por isso, incontestáveis e transmissíveis, mas que sobre as coisas de Deus não podemos ter verdadeiros conhecimentos e certezas (RATZINGER, 2007, p. 144).

No entanto, Ratzinger mostra que a fé no progresso e, consequente,

<sup>4</sup> Bento XVI, na encíclica *Spe salvi*, ao tratar da segunda virtude teologal (esperança), fala da fé no progresso, que seria uma (secularização) transformação da esperança cristã no mundo moderno. Ele se detém em três pensadores: o primeiro é Francis Bacon. Para este a redenção – a restauração do paraíso – não vem de Cristo, mas da ligação entre ciência e prática: “Agora chama-se fé no progresso” (2007, p. 30). É ele que dará lugar ao reino do homem, o “... reino da razão...” (BENTO XVI, 2007, p. 31). As duas palavras-chave da fé no progresso são razão e liberdade, pois estas garantiriam uma nova comunidade humana perfeita: O progresso é a superação de todas as dependências; é avanço para liberdade perfeita. Também a liberdade é vista como promessa, na qual o homem se realiza rumo à plenitude (BENTO XVI, 2007, p. 31). O segundo autor é Emmanuel Kant. Para ele, o reino de Deus chega aonde a fé religiosa é superada pela fé racional. Continuando sua narrativa, Bento XVI diz que o progresso não se dá apenas pelo avanço das ciências aliadas à prática. Por isso, surge a Revolução Francesa como uma tentativa de instaurar esse reino da razão e da liberdade. No entanto, ainda esse avanço poder-se-ia realizar de uma forma mais abrupta: “O século XIX não perdeu sua fé no progresso como uma nova forma da esperança humana e continuou a considerar a razão e liberdade como estrelas-guia a seguir no caminho da esperança. [...] Depois da revolução burguesa de 1789, tinha chegado a hora para uma nova revolução: a proletária. O progresso não podia limitar-se a avançar de forma linear e com pequenos passos. Urgia o salto revolucionário. Karl Marx recolheu este apelo do momento e, com vigor de linguagem e de pensamento, procurou iniciar este novo passo grande e, como supunha, definitivo da história rumo à salvação, rumo àquilo que Kant tinha qualificado como “reino de Deus” (BENTO XVI, 2007, p. 33-34).

a fé na ciência e na técnica, entraram hoje em crise (cf. 1993, p. 59-60, 66). Ele mostra que a ciência “... não pode tratar adequadamente a dimensão da liberdade, ou seja, aquilo que há de propriamente humano no homem e nas suas formações sociais” (RATZINGER, 1993, p. 60). Ou seja, a desilusão com ambas reflete “... a dúvida da modernidade sobre si mesma...” (1993, p. 68).

Dado o vazio espiritual que vive a modernidade, surgem diversos problemas morais característicos dessa época, tais como o terrorismo e a droga. Um como uma forma de “... expectativa messiânica transposta para o fanatismo político” (RATZINGER, 1993, p. 17). Outro, uma pseudomística, um “... protesto contra uma realidade sentida como cárcere” (RATZINGER, 1993, p. 16).

## 1.2. O relativismo

Segundo Bento XVI, uma das características da modernidade foi ter eliminado a noção de verdade. Hoje se fala em valores, mas não da *verdade*. Por isso, para o Papa alemão, o problema central da modernidade está no seu *relativismo*<sup>5</sup>:

Aqui tocamos efetivamente no ponto crítico da época moderna: o conceito de verdade, na prática, abandonou-se, sendo substituído pela ideia de progresso. O progresso mesmo é a “verdade”. Mas apesar desta promoção, o progresso torna-se sem rumo e destrói-se a si mesmo (2006, p. 39).

Situando um debate que ele considera central na filosofia política contemporânea, ele diz que há a oposição entre duas posições fundamentais: de um lado estão aqueles que veem a verdade como fundamento da política, que a antecede, a ilumina, e não pode ser produzida pela maioria. Essa seria a postura defendida pela Igreja Católica hoje, aquela baseada na lei natural:

... o Espírito é a origem criadora de todas as coisas, e por isso elas têm em si uma razão não derivada de si mesmas e que as ultrapassa infinitamente, embora constituindo a sua mais íntima lei. A razão criadora, que dota as coisas de uma racionalidade objetiva, de uma lógica oculta e de uma ordem intrínseca, é ao mesmo tempo razão moral e Amor (1993, p. 72-73).

<sup>5</sup> A compreensão de Ratzinger de relativismo, particularmente expressa na homilia na *Pro eligendo Romano Pontifice* do dia 18 de abril de 2005 encontrou eco no debate intelectual, especialmente por ele falar de uma forma de “ditadura do relativismo” (VATTIMO, 2007).

Antes da época moderna, segundo ele, a convicção era a de que no homem está inscrito um dever-ser e a de que a moral não é construída por ele; tal convicção era patrimônio comum da humanidade. No entanto, isso muda com o advento da modernidade: “O problema da modernidade, isto é, o problema moral da nossa época, consiste no fato de terem cortado as pontes para essa evidência originária” (1993, p. 23-24). Essa concepção ficou ainda mais abalada com a teoria da evolução. “A moralidade fica substituída pela mecânica” (1993, p. 94). A moral fica reduzida ao cálculo.

Por isso, do outro lado está o “relativismo radical” (2006, p. 59), que tira da política a noção de bem e, conseqüentemente, de verdade. O direito natural é excluído por ser considerado resquício de metafísica e a decisão da maioria valeria como único princípio político. Esse mesmo relativismo aparece como condição da democracia pluralista (cf. 2006, p. 55-61) com a qual está numa união indissolúvel. A democracia ficaria unicamente como “... um mecanismo de eleição e votação” (2006, p. 59). Desse modo, o relativismo é o problema moral que está por trás tanto da crise da ciência quando da política, pois nesta perde-se o primado da ética.

### 1.3. O individualismo e a religião

Obviamente, Ratzinger apresenta seu diagnóstico da configuração religiosa de nosso tempo. O campo religioso é o que manifesta outra característica da modernidade, que é o *individualismo*. Dado que a modernidade expulsou a religião e também a moral para o âmbito privado, os insucessos da técnica e da ciência, apontados por Ratzinger, levam a uma nova forma de religiosidade, nascida justamente do ceticismo e da desilusão, caracterizada por sua autonomia em relação aos aspectos mais institucionalizados<sup>6</sup> da religião especialmente no que concerne a seu aspecto comunitário de fé compartilhada. Em outras palavras:

A nova atitude religiosa pode ser muito facilmente desviada para o esoterismo, ou dissipada em mero romantismo. [...] O que parece, antes de tudo, difícil de aceitar é a necessária continuidade de uma disciplina estável, a fidelidade a um itinerário linear, que não se deixe extraviar trocando o ordenamento da vontade e da razão pela fácil satisfação que uma “técnica dos sentimentos” é capaz de oferecer. Mais difícil ainda parece fazer confluir essa energia para o contexto comunitário da vida de uma “instituição religiosa”, na qual a religião se constitua realmente como “fé” e assim se torne forma e caminho da comunidade (1993, p. 20).

<sup>6</sup> A dinâmica da desinstitucionalização da crença na modernidade religiosa foi amplamente pesquisada por HERVIEU-LÉGER (2003; 2008).

Vive-se, de acordo com ele, um novo paganismo, uma “... decadência do Bom, que é único, até às muitas potências equívocas...” (1993, p. 108). Esse novo paganismo não é somente a revivescência de antigos deuses, mas a despersonalização de Deus e, ainda mais, algo próximo da guerra dos deuses a que aludia Weber, de valores conflitantes a que o homem acaba servindo: “O homem põe entre parênteses o único fundamento positivo de todas as coisas, considerando-o demasiado incerto e pouco relevante, para se voltar de preferência para os poderes mais próximos, humilha-se a si mesmo” (1993, p. 108).

O quadro apresentado mostra um Ratzinger extremamente crítico e reticente aos desenvolvimentos centrais da sociedade contemporânea<sup>7</sup>. Ele aponta os desenvolvimentos positivos da modernidade, mas não deixa de dar grande evidência às contradições da modernidade.

O segundo passo desse artigo é apresentar a análise de Bauman naqueles pontos em que se aproxima ou, ao menos, toca em temas semelhantes aos que foram abordados por Ratzinger. Portanto, não se quer apresentar a noção de modernidade de Bauman, o que exigiria um trabalho de outra natureza e de outra extensão. É possível encontrar os temas explorados por Ratzinger na obra de Bauman? Em que medida os diagnósticos se tocam?

## 2. A fé no progresso e o individualismo segundo Zigmunt Bauman

Agora podemos estabelecer uma interlocução entre os pontos apresentados por Bauman como característicos do atual estágio da modernidade e aqueles listados por Ratzinger. O discurso de Bauman é sobre o “... estágio fluido da modernidade...” (2001, p. 20). A modernidade foi, para este último a busca da ordem ou a tentativa da imposição da ordem sobre o caos. No entanto, na verdade, ela acabou provocando a ambivalência (a desordem). Para Bauman, desde o começo a modernidade foi liquefação. Sendo assim, a modernidade líquida (ou a pós-modernidade) é aquela assentada sobre os fluidos, sobre todos os sólidos que ela lançou no cadinho e derreteu: os laços com a comunidade e a própria definição da individualidade, a relação com o tempo e o espaço, com o trabalho.

<sup>7</sup> Como afirma Euclides Eslava: “Como nos demais âmbitos de sua produção, o que nosso autor pretende na filosofia política não é fazer uma crítica fundamentalista da modernidade. Pelo contrário, sua contribuição deseja enriquecer a cultura contemporânea *a partir de dentro*, iluminando-a com as ideias cristãs que estão na raiz de nossa civilização” (2012, p. 112-113).

Desde o início ela começou a dissolver os laços tradicionais, o que representavam a persistência do passado. O olhar da modernidade se volta para o futuro. Aí podemos colocar a breve de reflexão de Bauman sobre a ideia de *progresso*:

Como observou Walter Benjamin, a tormenta impele os caminhantes de forma irresistível para o futuro ao qual dão as costas, enquanto a pilha de detritos diante deles cresce até os céus. “A essa tormenta chamamos progresso”. Num exame mais detido, a esperança de chegada revela ser uma ânsia de escapar. No tempo linear da modernidade, só o ponto de partida é fixado: e é o movimento irrefreável desse ponto que arruma a existência insatisfeita dentro de uma linha de tempo histórico (1999, p. 18).

Esse tempo linear se estica de tal maneira que se transforma no íterim entre um passado que não dura e um futuro ainda não realizado. No entanto, apontar permanentemente para o futuro não representa um apego, amor a ele, mas uma desvalorização do presente. Por um lado, a modernidade é a obsolescência do presente. A modernidade se iguala, portanto, à agitação: “... a agitação é sísifca e a luta com a inquietude do presente toma o aspecto de progresso histórico” (1999, p. 19). Por outro lado, ao mesmo tempo – e aí está também a sua ambivalência – a modernidade é aquela em que:

... o “progresso” não representa qualquer qualidade da história, mas a *autoconfiança do presente*. O sentido mais profundo, talvez único, do progresso é feito de duas crenças interrelacionadas – de que “o tempo está do nosso lado”, e de que “somos nós que fazemos acontecer”. [...] Tudo o mais que possamos querer dizer ou ouvir sobre a “essência” da ideia de progresso é um esforço compreensível, ainda que fútil e equivocado, de “ontologizar” aquele sentimento de fé e autoconfiança (2001, p. 152).

No entanto, essa marcha em direção a uma vida de felicidade hoje está em crise: “Esse fundamento da fé no progresso é hoje visível principalmente por suas rachaduras e fissuras” (2001, p. 153). Vão-se os seus fundamentos, principalmente pela fadiga do Estado incapaz de estimular as pessoas ao trabalho:

As imagens de uma sociedade feliz pintadas em muitas cores e por muitos pincéis nos dois últimos séculos provaram-se sonhos inatingíveis ou (naqueles casos em que sua chegada foi anunciada) impossíveis de viver (2001, p. 154).



Agora, até o progresso está individualizado, desregulado e privatizado. O problema do aperfeiçoamento não é mais obra coletiva, mas um empreendimento puramente pessoal. Aqui, é claro, fala-se de um progresso material; no entanto, ele mostra o quanto o homem e a mulher devem buscar sozinhos fazer o seu próprio caminho de êxito. Para usar os termos de Bauman, o progresso passou de um “destino da espécie” para uma “tarefa do indivíduo” (2001, p. 156). O indivíduo deve estar, pois, bem firme em seu presente. E o problema é justamente a instabilidade desse presente. Onde o indivíduo pode se ancorar, se tudo parece tão movediço<sup>8</sup>, sejam as parcerias amorosas, laços familiares e quaisquer valores dignos de serem perseguidos?

São poucos os portos seguros da fé, que se situam a grandes intervalos, e a maior parte do tempo a fé flutua sem âncora, buscando em vão enseadas protegidas das tempestades (2001, p. 156).

A visão de Bauman oferece também um quadro que, à primeira vista, não é otimista. A seguir, oferecemos alguns pontos de contato entre o seu pensamento e o de Ratzinger.

### 3. Pontos de contato

Bauman é o teórico das sociedades líquidas, fluidas, ambivalentes, o que Bento XVI recordou muito bem no seu discurso em Veneza. No entanto, Bento XVI também se converteu, de alguma forma, num teórico dessa “fluidificação”, dessa “liquefação”<sup>9</sup>. Obviamente, a avaliação de Bento XVI comporta um chamamento a uma “solidificação” das bases morais contemporâneas, sobre os valores fundamentais não da modernidade, mas valores que são anteriores à modernidade<sup>10</sup>, particularmente defendidos pelo cristianismo.

---

<sup>8</sup> “Conceitualmente, podemos chamar de verdade aquilo que não podemos modificar; metaforicamente, ela é o solo sobre o qual nos colocamos de pé e o céu que se estende acima de nós” (ARENDETT, 2007, p. 325).

<sup>9</sup> Testemunho disso é o livro de Massimo Borghesi dedicado ao contexto sociopolítico no qual se deu o pontificado beneditino, que explora a relação entre fé e política no mundo líquido (cf. 2014).

<sup>10</sup> É importante ter em conta o discurso católico é pré-moderno, nesse sentido, pois seu horizonte foi formado bem antes do período histórico a que hoje se qualifica de moderno (Cf. MARITAIN, 1922).

A fé no progresso, essa autoconfiança desmedida no presente, mas acima de tudo essa autoconfiança no próprio homem, é o que possibilitou a fé no progresso. Foi ela também que ignorou a liberdade humana para o mal (BENTO XVI, 2007), essa liberdade que mostra que não existem leis imanentes ao agir histórico e que o progresso não é algo inevitável. A ciência e a técnica, que deveriam ser os veículos privilegiados do progresso, levaram a caminhos que assombraram o nosso século<sup>11</sup>. Nisso Bauman poderia concordar com Bento XVI. Os êxitos e os descaminhos de ambas levaram a uma crise na fé no progresso como um empreendimento coletivo. A humanidade acaba perdendo a sua meta comum.

O vazio espiritual do nosso tempo, sobre o qual Ratzinger tanto insiste, é oriundo dessa confiança extremada no progresso, na ciência, mas não cumprida. A ciência, como manipuladora da natureza, e o Estado jardineiro (cf. BAUMAN, 2001) não conseguiram realizar as suas tarefas de trazer a felicidade almejada. Tendo-se diluído essa crença, o que restou ao indivíduo? Ele mesmo. Ou melhor, o que ele consegue fazer dele, onde não existem identidades definidas.

Por outro lado, se tudo é fluido, desde as relações até os valores que as fundamentam, o que fundamenta a sociedade? O próprio Estado perde suas bases e não consegue fundamentar a si mesmo. *Podemos dizer que o relativismo que Bento XVI ataca é uma das faces da fluidez da modernidade. O relativo não é, precisamente, o fluido? O absoluto não seria o sólido? Por isso, na modernidade fluida, falta a convicção de que há uma razão natural ou uma verdade objetiva inscrita na natureza pela razão divina. Sem tal fundamento, sem essa rocha firme, a modernidade concluiu que tudo é ambivalência, que seu projeto ordenador, ao tentar erradicar o caos “natural” e impor uma ordem “não-natural”, gerou mais ambivalência. Se só há caos, a realidade não é dotada de objetividade racional.*

Agora restará ao indivíduo a tarefa de progredir por conta própria, assentado apenas na sua biografia. No entanto, mesmo essa biografia carece de solidez. Por isso mesmo, as novas formas religiosas que vão contra o cristianismo ou são esotéricas, de cunho de salvação individual e não coletivo, desprezando o aspecto comunitário e, conseqüentemente, institucional, dege-

<sup>11</sup> Como exaustivamente mostrou a Escola de Frankfurt, citada diretamente por Ratzinger (1993), mesmo dentro do seu pontificado (BENTO XVI, 2007; VANHOYE, 2007).

neram em romantismo em que a fruição dos próprios sentimentos oscilantes se impõe sobre disciplinas estáveis, sobre dogmas compartilhados. A religião passa a ser uma imagem e semelhança das necessidades do indivíduo e torna-se objeto de consumo, dentro dessa ditadura de consumo a que alude Bauman no seu comentário à encíclica.

Em resumo: o relativismo é fruto da dissolução da verdade que o cristianismo considera acessível aos homens pela razão natural; a fé no progresso entrou em crise por conta da crise de confiança na ciência e na técnica; a modernidade líquida é aquela do individualismo, em que laços comunitários (BAUMAN, 2001), sejam aqueles que possibilitam uma fé comum mais que um itinerário solitário, ou ainda a durabilidade de uma relação amorosa, desfazem-se diante das exigências do eu abandonado à própria sorte.

Falando para Veneza, Bento XVI, como pensador de orientação agostiniana (Cf. SARTO, 2012), quer construir a “cidade dos homens” em bases firmes, sólidas, pétreas. No entanto, como Bauman, vê diante de si sólidos que foram derretidos e que não suportam mais nem os projetos do próprio indivíduo nem os projetos da sociedade toda. O sociólogo atém-se ao diagnóstico e o religioso avança para a cura do que vê como patologia. O que fica aqui é a confirmação de um diagnóstico, ao menos em parte, muito próximo.

À guisa de conclusão, gostaríamos de remeter a uma entrevista dada por Bauman depois da inesperada renúncia de Bento XVI ao pontificado em 2013. Os jornalistas Alberto Guarnieri e Massimo Pedretti (2013) assim questionaram Bauman: “Muitas das suas teorias referem-se ao ensino da Igreja. Falando de crise da esperança, o senhor destaca a excessiva confiança no progresso tecnológico e os danos que a economia capitalista desprovida de regras provoca” (ibid.). Vejam que o acento dos jornalistas está precisamente o ponto que destacamos em nossa análise. A resposta de Bauman foi: “Exato. Muitas vezes nos perguntamos se o humanismo, categoria em que o ensino da Igreja se insere, tem futuro. Eu me pergunto: o futuro tem um humanismo?” (ibid.). A resposta de Bento XVI seria, provavelmente, *sim*. Um humanismo cristão, obviamente, porque Cristo continuará a ser o protótipo e a meta do homem. O futuro que advirá da crise da esperança, na visão de Bento XVI, será antes de tudo aquele escatológico, no qual Jesus, o Homem pleno, voltará. Enquanto não o faz, a Igreja seguirá propondo a sua esperança enquanto se frustram as expectativas de felicidade plena depositadas *apenas* no progresso.

## Referências

- ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- ASSUNÇÃO, Rudy Albino de. O “espírito da modernidade” na visão de Joseph Ratzinger-Bento XVI. Tese de Doutorado. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política, 2016, 320p.
- BAUMAN, Zigmunt. *Modernidade e ambivalência*. Rio do Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Modernidade líquida*. Rio do Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Zigmunt; GIOVANETTI, Pierangelo. L'amore non è liquido. Entrevista di Perangelo Giovanetti con Zigmunt Bauman. *Avvenire*, 02.02.06. Disponível em: <<http://www.gliscritti.it/approf/2007/papers/bauman070707.htm>>. Acesso em: 28 jul. 2012.
- BAUMAN, Zigmunt; GUARNIERI, Alberto; PEDRETTI, Massimo. “Bento XVI trouxe o papado a um nível humano”. Entrevista com Zygmunt Bauman, 14. 02. 13. *Revista IHU on-line*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/517586-bento-xvi-trouxe-o-papado-a-um-nivel-humano-entrevista-com-zygmunt-bauman>>. Acesso em: 10 mar. 2017.
- BENTO XVI. *Carta Encíclica Spe Salvi*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BORGHESI, Massimo. *Senza legami*. Fede e politica nem mondo liquido: gli anni di Benedetto XVI. Roma: Studium, 2014.
- ESLAVA, Euclides. Poder, justicia y paz. El pensamiento político de Joseph Ratzinger. *Escritos*, vol. 20. n. 44, jan-jun. 2012, p. 83-119.
- \_\_\_\_\_. *Discurso do Santo Padre. Encontro com o mundo da cultura e da economia*. Visita Pastoral a Aquileia e Veneza. Basílica da Saúde, 08.05.11. Disponível em: <[http://www.vatican.va/holy\\_father/benedict\\_xvi/speeches/2011/may/documents/hf\\_ben\\_xvi\\_spe\\_20110508\\_mondo-economia\\_po.html](http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2011/may/documents/hf_ben_xvi_spe_20110508_mondo-economia_po.html)>. Acesso em: 25 jul. 2012.
- HERVIEU-LÉGER, Danièle. *Catholicisme, la fin d'un monde*. Paris: Bayard, 2003.
- \_\_\_\_\_. *O peregrino e o convertido: a religião em movimento*. Petrópolis: Vozes, 2008.
- MARITAIN, Jacques. *Antimoderne*. Paris: Desclée et Cie., 1922.
- RATZINGER, Joseph. *A Igreja e a nova Europa*. Lisboa: Verbo, 1993.

\_\_\_\_\_. *Verdade, Valores, Poder*. Pedras-de-toque da sociedade pluralista. Braga: Editorial Franciscana, 2006.

RATZINGER, Joseph; SEEWALD, Peter. *O sal da terra: o Cristianismo e a Igreja Católica no limiar do terceiro milênio*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

SARTO, Pablo Blanco. *Joseph Ratzinger-Benedicto XVI: um mapa de sus ideias*. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2012.

VANHOYE, A. A marca do teólogo e pastor. *L'Osservatore Romano: Cidade do Vaticano*, 2007, n. 49, p. 16, 08.12.07.

VATTIMO, Gianni (org.). A “dictatorship of relativism”? Symposium in Response to Cardinal Ratzinger’s Last Homily. *Common Knowledge*, v. 13, n.2-3, Spring-Fall, 2007.

Artigo recebido em 13 de junho de 2017  
e aprovado para publicação em 30 de junho de 2017

### **Como citar:**

ASSUNÇÃO, R. A. Joseph Ratzinger-Bento XVI contra a modernidade líquida: uma interlocução com o pensamento de Zigmunt Bauman. *Coletânea*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 31, p. 117-129, jan./jun. 2017. ISSN 1677-7883. Disponível em: <[www.revistacoletanea.com.br](http://www.revistacoletanea.com.br)>.